

Abre os olhos

Abriu os olhos, olhou para a mesa de cabeceira e ainda faltava pelo menos meia hora pro despertador cumprir sua função diária. O marido permanecia num sono tranquilo ao seu lado, enquanto ela observava que suas costas pareciam mais largas do que há quinze anos, quando começaram a compartilhar a mesma cama, uma cama de solteiro nos fundos da casa de uma tia. Na época, a cama parecia de tamanho perfeito pra um casal apaixonado, era confortável, mesmo no calor de Porto Alegre em pleno janeiro, com aquele ventilador arno barulhento com suas pás azuis, onde qualquer pessoa em sã consciência queria distância da outra, mesmo assim, aquela temperatura escaldante não era páreo para um jovem casal de estudantes que planejava o futuro, deitados na pequena cama, mirando o forro de madeira no teto.

As lembranças dos tempos de faculdade, daqueles perrengues que todo o início de vida a dois tem, e que dão certa graça e charme para se contar aos casais de amigos em jantares regados a garrafas de vinho importadas do sul da Argentina, onde todos tem uma história mais ou menos parecida, vieram em mente naquela manhã em que sentia-se estranhamente diferente.

O primeiro encontro foi casual. Ela recém-chegada da região da campanha para estudar arquitetura ficara sabendo num dos murais espalhados pelos corredores da universidade sobre um show meio punk, meio rock, que teria no centro. Meio entusiasmada, meio receosa, resolvera ir. Ele, um jovem estudante de direito, filho de uma professora primária e de um vendedor de ferragens da loja do bairro do IAPI, aficionado por rock, punk, underground, frequentador assíduo desses ambientes não perderia essa festa, como não perdera tantas outras do mesmo estilo.

Na tal da festa era impossível não se cruzarem, o bar era pouco maior que a garagem da casa em que ela crescera, onde o pai guardava como uma relíquia o velho Del Rey que havia comprado no ano de seu nascimento, em 1984, 0 km como ele adorava se gabar. No carro, o pai, um homem comum, dono de uma pequena fabriqueta de móveis e recém viúvo, colocava no banco de trás as quatro filhas, todas com bochechas reluzentes, cheias sardas e com os cabelos ruivos muito bem presos com tiaras, presilhas e rabcós, ainda tentando acostumar-se com a viuvez e a criação de quatro meninas, saía aos sábados a passear pela cidade, sem rumo muito certo, apenas com a certeza de que no caminho comprariam aquelas porcarias doces que toda criança do final dos anos 80 amava, chocolates em formato de moedinhas de ouro, pirulitos multicoloridos, pipocas doces em embalagem rosa e merengues cheios de anilina.

Mas, porque estava lembrando-se disso mesmo? Ah, claro, a festa, o tamanho do bar, os cálculos que fazia de cabeça sobre a quantidade de pessoas por metro quadrado que caberiam naquele espaço. A velha mania de imaginar os espaços, compará-los, pensar no melhor aproveitamento deles, mania que a acompanhava desde a infância, quando recortava daquelas revistinhas de propaganda de móveis, camas, roupeiros, sofás, mesas e depois desenhava em cartolinas os projetos das casas, dispoendo os móveis de papel e imaginando a família que moraria ali. A escolha do curso parecia natural, arquitetura. E foi a arquitetura que a levou à capital e aquela festa, e a festa aquele cara, e o cara aquele casamento.

Agora, nessa manhã em que ela olhava para as espaldas do homem que encontrara em sua primeira saída oficial na capital, irritada com a placidez de seu corpo que dormitava sobre o colchão que ela insistia há muito trocar, era difícil lembrar-se com exatidão da primeira conversa ou dos motivos de ter olhado, num passado quase irreconhecível, para aquele rapaz

de porte médio, com cabelos louros na altura dos ombros, de olhos azuis, encostado no balcão do bar, com um copo de cerveja morna na mão e a tez de alguém que inspirava calma e confiança.

Ele se formou dois anos depois que se conheceram e foi trabalhando num escritório famoso da capital que descobriu que queria mesmo era se tornar defensor público, enquanto ela terminava o estágio e sonhava com uma vaga num escritório bambambam, ele se dividia entre o trabalho e os estudos para o concurso que tanto desejava. A esta altura já haviam deixado o quartinho dos fundos da casa da tia e moravam num pequeno, bem pequeno, apartamento na José do Patrocínio. Foi ali que ela conseguiu o primeiro emprego e que ele passou no concurso para defensor público do estado.

Lembrava-se do apartamento com saudade, naquele pequeno espaço vivera os melhores anos de sua vida, a tal ponto que mesmo depois de estabilizados nos empregos ainda relutavam em sair dali. A habilidade própria da profissão a fizera transformar o pequeno apartamento em um lugar aprazível e com tudo no lugar o espaço até parecia maior. Ou seria a memória, essa quase entidade metafísica, que a fazia lembrar com tanta saudade do minúsculo apartamento da José do Patrocínio?

De repente, o incômodo por ter acordado antes do despertador e a irritação que a tranquilidade do sono daquele homem causava, a tal ponto de fazê-la retornar a infância provinciana, a escolha profissional, ao encontro dos dois, ao velho e pequeno apartamento, por uma fração de segundo a distraía do único propósito que tinha para aquele dia: pedir o divórcio.

Era estranho, na noite anterior a esta manhã, eles foram ao cinema do bairro como sempre costumavam fazer aos domingos e caminhando de mãos dadas em direção ao restaurante que toda a semana os recebia, nas calçadas, os transeuntes se desviavam com medo de desenlá-los. A noite estava agradável, havia uma aragem fresca e um cheiro adocicado das árvores que por passarem o dia todo a receber sol, à noite, lançavam perfumes de primavera pelas ruas.

Nessa noite, apenas poucas horas antes de seu despertar, o desejo irrefreável de dizer: “deu, não quero mais essa merda” ainda não estava ali ou pelo menos não parecia estar. Porque não era uma merda, não, não era, pelo menos até então, até aquela manhã em que o casamento ganhou o adjetivo. Aquele homem deitado ao seu lado, causando um desconforto quase nauseante, sempre fora um cara legal, ele sequer roncava, o que era uma qualidade louvável em 15 anos de casamento. Suas irmãs, sardentas e ruivas, a invejavam, suas amigas de faculdade e as colegas do trabalho, os admiravam. Mas isso não era suficiente.

Essa vontade de dizer “basta!”, que veio deus sabe lá de onde, era difícil de rastrear. Mas, estava ali. Era impossível negar, estava entre os lençóis, naquele quarto que ela mesma desenhara, imaginando-o primeiro com móveis de papel recortados das revistinhas de propaganda quando ainda era uma menina no interior. Ela estava ali, entre seu olhar para a serenidade com o que o marido dormia e suas lembranças de um passado feliz, mas agora pálido, esvaziado de sentido. Estava em sua garganta, a palavra dançava em sua boca, pronta para ser articulada: terminou.

Assim que o relógio despertasse, que o marido se virasse para lhe dar um beijo de bom dia com seu costumeiro hálito matinal, nesse momento, ela lhe diria: “acabou”. Desse jeito mesmo, como quem dá bom dia ao porteiro, a vizinha ou a moça que passeia com o cachorro.

Olha para o lado, falta cinco minutos para o despertador tocar. Olha para o teto, não mais fazendo planos para o futuro como nos fundos da casa da tia, agora olha para o teto como que buscando uma resposta. Mas qual era mesmo a pergunta? Os olhos se fecham, e de

repente uma série de imagens tomam sua mente. Abre os olhos, falta apenas dois minutos, o corpo do marido como que prevendo o barulho eminente do relógio, mexe-se na cama. Ela tem um minuto até que ele lhe olhe, lhe beije, se levante, entre no chuveiro, se vista, tome o café e saia para mais um dia de trabalho. Um minuto e tudo vem em mente, o pai, o Del Rey 84, a morte da mãe, as irmãs ruivas, sardentas e invejosas, os doces comprados aos sábados, o teto, as pás azuis do ventilador arno, o vinho argentino, as risadas dos amigos, a festa underground, o copo de cerveja morna na mão do futuro marido, o apê da José do Patrocínio. Dá saudade, dá sentido, como terminar com tudo isso? Falta cinco segundos e ela não sabe mais se aquela vontade está ali. Ela estava a meia hora, bem ali, na sua cabeça, caindo da sua boa, mas cadê? Cadê sua vontade? Cadê sua coragem? O despertador toca, ele está se virando e quando ele se vira por completo sorrindo, calmo por ter dormido o sono dos justos e feliz em olhar a mulher que ama, nesse exato momento, o que mesmo ela diria responder ao seu “bom dia”?